

EDGAR ALLAN POE E A SIMBOLOGIA DO MEDO

Marihá Mickaela Neves Rodrigues Lopes (UFU)
marih.mickaela@gmail.com

RESUMO: Edgar Allan Poe teve sua história rodeada por mistérios e sua obra não poderia ser diferente, sendo um escritor reconhecido como um dos precursores do fantástico estranho, comentado e aclamado pela crítica. Suas narrativas são centralizadas no indivíduo e em seus problemas pessoais referentes à alma e aos sentimentos. Dentre diversas características, sua obra se destaca pelo confronto entre o mundo interior e o mundo exterior, criando narrativas de mistério, alucinações, terror e morte, que podem retratar os medos e as ansiedades que assombram a mente humana. “O corvo” é um dos poemas mais famosos do escritor, cujo tom mórbido e depressivo prevalece ao longo da escrita. Já “O gato preto” traz à tona um estudo da psicologia da culpa, através de um narrador assassino, cuja mente doentia usa a lógica para explicar o que uma mente normal iria entender intuitivamente. Nesse sentido, os conflitos internos dos protagonistas são tão fortes que a realidade pode se apresentar distorcida pelo imaginário. Observamos, assim, que é dentro do imaginário humano que vários símbolos ganham significados. Considerando isso, trabalhamos representações do medo em “O corvo” e “O gato preto”, através de imagens ou elementos presentes e suas possibilidades simbólicas.

PALAVRAS-CHAVE: Edgar Allan Poe; simbologia; medo; o corvo; o gato preto.

INTRODUÇÃO

Escrever sobre Poe é mergulhar em um universo fantástico, espaço o qual, o autor foi um dos precursores na literatura. Suas narrativas elaboradas minuciosamente, se entrelaçam. A morbidade de sua obra coincidentemente fazia parte, também, de sua vida; talvez isso explique o porquê do autor tratar com tanta intimidade temáticas tão macabras.

Allan Poe era um jovem de comportamento estranho e inovador, teve uma vida peculiar. Ele e sua irmã ficaram órfãos muito jovens e logo foram adotados por uma família abastada, em pouco tempo tiveram mais uma perda, a mãe adotiva; a morte os assistia de perto. Edgar Allan Poe fez parte da geração romântica literária, sua obra é marcada por características deste período, especificamente, o pessimismo, e o amor. Sua história foi rodeada por mistérios, e sua obra não poderia ser diferente. Consideramos Poe um escritor do gênero fantástico estranho que é caracterizado, segundo Todorov (2004), pela hesitação entre o real e o ficcional. Aprofundando nas escritas fantásticas possíveis encontraremos o fantástico maravilhoso, e o estranho. Os escritos de Poe se encaixam no estranho, por serem assustadores, e passíveis de acontecer. São histórias que poderiam ser reais, e que resgatam nossos medos mais íntimos. Por esta ser uma situação familiar desencadeia o medo. O medo na obra de Poe é fundamentado por diversos símbolos que culturalmente tem uma carga semântica forte e assustadora, deste modo

atinge o âmago daquele que lê. O autor traz o homem como o criador do seu próprio medo, e responsável por sua derrocada.

A obra de Poe é focada nos conflitos individuais do ser. O autor toca o leitor por tratar da temática do "eu" de forma única, e trazer o medo como fruto da criação individual de cada um. Nas obras analisadas as narrativas foram elaboradas em primeira pessoa deixando claro que o medo é construído pelo protagonista; este recurso estreita os laços leitor-narrador, pois é como se a personagem estivesse compartilhando com eles (leitores) seu próprio sofrimento, aquele que lê se torna íntimo daquele que conta a história. A narrativa estruturada em primeira pessoa gera uma "confusão" na organização e "avaliação" dos fatos, o que resulta na oscilação entre loucura e lucidez, real e imaginário, que é característica da literatura fantástica. O uso da primeira pessoa contribui para criação de um universo misterioso, visto que não se pode confiar em tudo que é dito pelo narrador, pois este conta a história pelo olhar de quem está inserido nela, o que nos traz dúvida quanto à veracidade.

O presente trabalho se compromete em analisar os símbolos dispostos em duas obras, são elas: "O corvo" e "O gato preto" (escritos mais populares do autor). Os seguintes textos trazem consigo o terror e a morbidez. Esta imagem está associada aos animais que protagonizam a história, e isso se materializa graças a uma série de fatores que envolvem desde a cor do animal até seu comportamento instintivo. Como é sabido a simbologia varia de acordo com a cultura; na cultura ocidental tanto o gato, quanto o corvo, quando pretos, trazem uma carga semântica negativa. É válido destacar que inicialmente os animais aparecem nos dois textos - como inofensivos, e, ao longo da história se revelam negativos, imagem que o narrador cria de ambos.

A ANÁLISE

Abordamos os escritos em ordem cronológica, o primeiro foi **O gato preto (1843)**. A história inicia com a hesitação, uma vez que o narrador destaca não esperar que os leitores lhe dêem crédito, pois até ele desconfia da veracidade dos fatos, a história o assombra, o envergonha e confunde. Ao ler o conto pode-se inferir que o registro da história aconteceu com o objetivo de expurgar sua culpa observamos isso neste fragmento: "Mas amanhã morrerei e hoje quero desafogar minha alma." (POE, Edgar); a partir deste fragmento notamos que para a personagem o ato de escrever tem função catártica, libertadora.

O título "O gato preto" é o prenúncio de uma das personagens mais expressivas da história. O gato preto era o animal doméstico do narrador, que inicialmente é amado por ele, e

após uma mudança gradativa no comportamento de seu dono, o bichano torna-se motivo de desgosto. Esta mudança gradativa se deu, segundo o protagonista, devido o consumo desregrado de álcool. Este vício trouxe a ele os mais sórdidos comportamentos. O álcool, segundo o dicionário de símbolos realiza a síntese da água e do fogo; o álcool nas obras de Poe carrega o esquecimento e a morte. No decorrer do conto o autor pratica atos horrendos e usa o álcool como distração, mesmo este hábito tendo gerado uma série de consequências negativas. Após a mudança brusca de personalidade, o clima no conto se torna pesado, e a personagem só decaí.

O animal- que era o preferido da personagem, até a mudança de personalidade- é descrito como bonito e astuto; atendia por Pluto (nome grego do deus dos mortos, mais conhecido como Hades) a partir desta imagem é possível fazer ligações semânticas dentro do conto. A simbologia pode ser tratada de forma positiva ou negativa, no caso do conto o gato é visto como um animal ruim, sinalizador de mau agouro. O gato de nome Pluto era Preto, cor que em seu aspecto negativo corresponde à morte. Segundo crenças antigas os gatos pretos eram considerados feiticeiras disfarçadas (esta superstição é destacada como um gracejo feito pela mulher da personagem no conto). Na Idade média o gato também era visto como o servo das profundezas. Logo, unindo todos os símbolos infere-se que Pluto não era um gato qualquer, e que poderia colocar em risco o bem-estar da família.

Em um dia qualquer, após as andanças da personagem, farto com a presença do gato e irritado com uma mordida que ele lhe deu. O narrador arranca um dos olhos do bichano e posteriormente o enforca em uma árvore. No dia do enforcamento sua casa pega fogo, a imagem do fogo queimando a casa reforça o caráter sobrenatural da história, visto que: o domínio do fogo é instrumento divino e demoníaco, segundo Chevalier em “O dicionário de símbolos”. A personagem então estaria sendo manipulada por forças sobrenaturais? Ou, estava frente à loucura criada por ela mesma?

Ao fim do conto o autor encontra outro gato com as mesmas características daquele que foi morto por ele, além disso, esse possuía as marcas do ato insano do narrador com Pluto (Seria o renascimento do gato?). O gato não possuía um olho e tinha uma faixa branca no pescoço parecida com uma corda. Surpreendentemente a personagem resolve adotá-lo e tratá-lo com carinho, porém o gato passa a "persegui-lo". O narrador se sente incomodado, pois o bichano passa o acompanhar para todos os lugares, e por isso decide repetir a crueldade feita outrora. Tenta matar o animal que agora lhe dava atenção redobrada, mas é impedido por sua mulher. Cego de ódio com a interferência da esposa acaba a matando e emperdando- a na adega de sua casa. Adega subterrânea que nos remete a outro símbolo: o subterrâneo, que faz referência a

algo de origem desconhecida; obscuro. A narrativa se finda com policiais encontrando o corpo da esposa e o gato, que (supostamente) não foi morto por ele, sentando na face da mulher morta em estado de decomposição.

Os símbolos: o gato, a cor preta, o fogo, a escuridão despertam o medo, pois estão diretamente ligados à, na maioria das vezes, negatividade. Este misto estruturado por Poe cria um clima mórbido, soturno, que gera o medo e o estranhamento. O horror causado pelo conto se intensifica ao pensar que esta história poderia ser real se observada por um aspecto racional atribuindo o mau comportamento ao uso do álcool; mas pelo autor usar símbolos ligados ao sobrenatural, a história oscila entre o racional e o irracional, sendo um conto escrito com maestria no universo fantástico.

O segundo escrito analisado foi uma das obras mais famosas do autor **O corvo, datado de 1845**, dois anos após a elaboração do conto **O gato preto**.

O poema se desenvolve em uma toada triste, recurso sonoro utilizado pelo autor para traduzir o sentimento do eu- lírico que se encontra em um estado depressivo após perder sua amada Lenora. Um dia, ao tentar esquecer a lembrança da amada fazendo a leitura de livros antigos, escuta baterem à sua porta, duas vezes (o número dois representa o dualismo, é signo de todos os desdobramentos). Abre a porta e não encontra ninguém. No poema é citado que o evento acontece à meia noite, horário que simboliza os mistérios e que, segundo esoterismo ismaeliano é o cerne confuso do oculto.

O eu - lírico não encontra nada, só o barulho, até abrir a janela. Ao abri-la um corvo entra em seu quarto e pousa sobre um busto de Palas (deusa da sabedoria e da justiça), que está situado acima do portal da porta do quarto. Percebe-se que este poema é carregado por símbolos que se integram, e entrelaçam, semanticamente. O corvo é um animal considerado mensageiro da morte na maioria das crenças. Esse se acomoda sobre o busto de Palas, e aparece com respostas para as dores e angústias da personagem. Respondendo sempre, sabiamente, "nunca mais". A porta simboliza passagem entre dois mundos, e convida-o para uma viagem no além. Seria o corvo mensageiro da morte que acompanha o eu - lírico? Um reflexo de sua tristeza e do seu desejo em rever a amada?

Ao adentrar no quarto, a personagem faz uma referência positiva ao pássaro, que se modifica ao longo do poema. O clima mórbido, a postura do corvo sentado, imponente sobre a escultura de mármore assusta-o, incomoda-o; e a precisão do que a resposta única que o animal dá responde suas perguntas o desconserta, desespera.

Após um tempo em companhia do Corvo o eu - lírico entra em transe, neste momento é possível questionar se aquilo mesmo aconteceu ou não passava de um delírio de um homem solitário e depressivo, observemos o fragmento abaixo:

Supus então que o ar, mais denso,
 Todo se enchia de um incenso,
 Obra de serafins que, pelo chão roçando
 Do quarto, estavam meneando
 Um ligeiro turíbulo invisível;
 E eu exclamei então: "Um Deus sensível
 Manda repouso à dor que te devora
 Destas saudades imortais.
 Eia, esquece, eia, olvida essa extinta Lenora.
 E o corvo disse: "Nunca mais". (POE, Edgar)

A iluminação é propícia para que se forme uma sombra do corvo no chão, deixando o ambiente ainda mais assustador, visto que a sombra é o lado oposto a luz, e geralmente vem ligada à morte. O homem levava uma vida na sombra, apesar de vivo, estava morto por dentro e o corvo umbroso vinha o acompanhar.

CONCLUSÃO:

A escolha deste conto e do poema se deu em função de ambos trabalharem imagens e símbolos semelhantes, sendo possível assim fazer uma "ponte" entre as duas análises. O medo nas duas obras é desencadeado principalmente pela construção simbólica. O clima noturno pesado descrito minuciosamente por Poe enleia o leitor e o assusta; os escritos por se enquadrarem no gênero fantástico estranho também contribui na constituição de uma imagem global que desperta o medo, e o estranhamento. A utilização do animal na cor preta, e da noite, em ambos escritos traz à tona os medos mais íntimos de cada leitor, que poderia passar por isso, já que, os dois protagonistas se encontram em um estado de mania que estamos sujeitos a enfrentar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CHEVALIER, Jean; GUEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

TODOROV, Tzvetan. Introdução à Literatura Fantástica. São Paulo: Perspectiva, 2004.

HOUAISS, Antonio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.

GAMA-KHALIL, Marisa. PEREIRA BURSTELLO, Aline. O espaço Fantástico na Obra de Edgar Allan Poe. <Disponível em: WWW.seer.ufu.br/index.php/horizoncientifico/article/view/4025> Acesso em: Junho/2015.
 < Disponível em: WWW.ufrgs.br/soft-livre-edu/vaniacarraro/files/2013/04/o_gato_preto-allan_poe.pdf> Acesso em: Junho/2015.

< Disponível em:
[HTTPS://pt.wikisource.org/wiki/O Corvo \(tradução de Machdo de Assis\)](HTTPS://pt.wikisource.org/wiki/O_Corvo_(tradu%C3%A7%C3%A3o_de_Machdo_de_Assis))> Acesso em:
Junho/2015.